

## O DESPORTO E AS “COISAS DO SER”: A NECESSIDADE DE VENCER

**Antônio Camilo Cunha**

Universidade do Minho, Braga, Portugal

### Resumo

O Desporto é um dos principais fenômenos sociais, reflete a forma como a sociedade se organiza (global, multicultural e complexa) e espelha as diferenças e particularidades humanas, sendo a necessidade de vencer uma das suas variáveis mais distintivas. Este fato faz com que a humanidade encontre na prática desportiva uma oportunidade de concretização dessa necessidade de vencer, competir, uma vez que estas características lhe são intrínsecas – dizem o sentido antropológico, biológico e ontológico do “ser” e das “coisas” do ser. Esse ensaio tenta demonstrar que o Desporto ao constituir-se como um caminho que caracteriza o “ser” e as “coisas do ser” vai convocar as dimensões biológicas, químicas, da racionalidade, do envolvimento social/cultural e da espiritualidade para essa caracterização. A consciência deste fato pode confirmar o desporto como um instrumento educativo, formativo e existencial por excelência.

**Palavras-chave:** Esportes. Cultura. Educação.

---

### Introdução

O ensaio tenta demonstrar que o Desporto representa um caminho que caracteriza o ser e as coisas do ser. O mesmo é dizer que o Desporto faz parte da caminhada Antropológica e Ontológica do Homem, faz parte da existência pensada e da existência vivida. Para fundamentar estas constatações, pegaremos nos ensinamentos científicos e juntaremos algumas reflexões pessoais – no campo da abstração teórica e especulativa.

Da fusão destes dois campos, poderemos afirmar que o Desporto é uma construção. Diríamos mesmo que o Desporto é um instrumento de sobrevivência e desenvolvimento da espécie humana. Assim, a nossa reflexão estará timbrada em quatro constatações: A primeira de-

las, o Desporto como construção Biológica; seguindo-se respectivamente, do Desporto como construção Química, Racional, Social/Cultural e como construção da Espiritualidade. A junção destas constatações vai solidificar um dos pensamentos mais distintivos do Desporto – a competição e a necessidade de vencer.

### **O Desporto é uma Construção Biológica:**

Descendemos de uma longa série de vencedores (comemoramos, recentemente, os 200 anos do nascimento de Charles Darwin, - Teoria da Evolução) que nos deixaram um legado – o sentido da competição. Ao que parece, este sentido deixa qualquer outro animal para trás. Neste contexto, podemos afirmar com algum acerto que tudo começou há 3 milhões de anos, na Selva Africana, com o aparecimento dos 1º Omenídeos – Os Australopitecos. Com os Australopitecos, assistimos a uma grande evolução - a passagem de uma postura quadrúpede, para uma postura bípede. É com a postura bípede que se irão consolidar os primeiros instintos competitivos. Instintos relacionados com o alimento, a reprodução, o território e com certa forma de afetividade. Gostaríamos aqui, de convocar a palavra território, palavra importante na análise desportiva.

Com a dimensão territorial, emerge o primeiro esboço do sentido de pertença, dos códigos de comunicação (linguagem) – que irão fundar conceitos de prática de cidadania, de participação, de cultura, de identidade e política.

O território apresenta-se assim, como espaço de sobrevivência e de pertença, que é preciso proteger, defender e ser possível alargar.

Porque alargar o território (real ou simbólico) é alargar a cidadania, a participação, a cultura, a identidade e em última análise alargar o poder. O desporto recapitula e caracteriza de forma exemplar a ideia de território e com ela a ideia de identidade, cultura, política (negoci-al/ideológica) e de poder.

### **O Desporto é uma Construção Química:**

Nós também somos uma organização química. Está demonstrado pela Fisiologia, Bioquímica, Neurociências, etc., quando o organismo humano (animal) está próximo de uma vitória, o cérebro e o corpo trabalham em harmonia, contribuindo para um aumento da concentra-

ção. Os reflexos e os automatismos tornam-se mais eficazes e a autoestima mais elevada, tornamo-nos imbatíveis.

Quando a vitória está assegurada, vem a recompensa completa: a libertação e combinação de substâncias químicas como endorfinas, encefalinas, adrenalinas, testosterona potenciam o bem-estar e combatem a exaustão e a dor. Todos fomos programados, bioquimicamente, para que as vitórias nos façam sentir bem! Mas também fomos programados para escolher a competição. Decidimos competir, quando há hipóteses de vencer, se não há hipóteses geralmente, afastamo-nos. Dizemos geralmente, porque, em particular, o homem tem outro mecanismo (diferente dos animais) a racionalidade e o pensamento. Aí poderá construir técnicas e estratégias para competir e vencer.

No entanto, não poderemos deixar de falar do outro lado, a derrota. Também todos nós fomos programados para que as derrotas nos façam sentir mal. Quando estamos a perder (ou perdemos mesmo), a organização de substâncias químicas (que há pouco falamos), deixa de atuar, sentimo-nos exaustos, ansiosos, assustados, imobilizados, com a autoestima em baixo – quadro depressivo.

Contudo, perante esta derrota temos ainda um grande trunfo – a memória.

- A memória da derrota leva-nos a comportar-nos de modo, a que não venhamos a cometer os mesmos erros.
- O mesmo acontece com a vitória. A memória da vitória leva-nos a comportar-nos da mesma forma, ou até a estarmos mais vigilantes.

Procurar as vitórias porque fazem nos sentir bem, evitar as derrotas porque fazem nos sentir mal, parece ser uma máxima existencial, parece ser uma máxima Desportiva. Há o entanto, a ideia (convicção científica), que as vitórias, como as derrotas, são necessárias para o crescimento e amadurecimento, são coisas do ser, coisas do Desporto.

Associado à ideia de vitória, e de derrota, gostaríamos de enfatizar outra variável importante que caracteriza o Ser e o Desporto – a reputação. A reputação é um legado da espécie em relação às outras espécies – posição de hierarquia. Para além, da sua dimensão Antropológica e Ontológica, ela também é socialmente, construída emergindo daqui, sentidos como a honra, o prestígio, o orgulho. O desporto é um campo onde se joga o sentido da vitória, da derrota, da reputação, da honra, do prestígio e orgulho.

## **O Desporto é uma construção de Racionalidade/Cultura:**

O homem em relação aos outros animais possui um grande trunfo – a racionalidade. É esta racionalidade que faz fluir as ideias..., porque são as ideias, que continuam a governar o mundo – metáforas primeiras. Contrariamente, a Política, a Economia as Finanças, os Media (tal como estão) são metáforas gastas, são metáforas secundárias.

Ao que se sabe, esta aventura (das ideias) começa com as mudanças evolutivas, em particular, com a passagem do Australopiteco para o Homo-Sapiens e este para o Homo-Sapiens-Sapiens. O segredo desta evolução (passagem) parece estar na dieta alimentar – dieta de carne. A dieta de carne veio introduzir mais energia, tendo como consequência o aumento do cérebro, para o dobro. Esta mudança contribuiu para o aparecimento de novos instintos, reflexos, automatismos e para uma inteligência mais fina – percepção, intuição e a antecipação.

Conhecer o que o adversário está a pensar, ou como se irá comportar (percepção, intuição), acabam por ser trunfos da racionalidade. Com a inteligência fina, o homem aperfeiçoou o trabalho individual e em equipa, através, da reunião das várias inteligências, e consequentemente, o aumento da eficácia, – típico também de alguns animais.

Gostaríamos, nesta análise sobre a inteligência, convocar também, as Neurociências e Howard Gardner - cientista na linha de Goleman (1997), Shapiro (2002), entre outros. Gardner (1995), na obra *As Estruturas da Mente: Teoria das Inteligências Múltiplas* identifica a existência de sete tipos de inteligência: linguística; Musical Lógica-matemática; Espacial; Intrapessoal; Interpessoal; Corporal. Referindo-se também, à eventual existência de uma inteligência Ecológica e Espiritual (Hipotálamo, lóbulo parietal).

O Desporto é um digno representante da inteligência emocional (e diríamos das inteligências múltiplas). Nele encontramos, intuição, linguagem, percepção, trabalho de equipe, sentido espacial, relação inter e intrapessoal, ecologia, desportos radicais, saber humano. Sobre a dimensão corporal, vem-nos à memória Arthur Schopenhauer (1997) - filósofo da vontade e admirador de Kant - *O maravilhoso Kant!* (como referiu). Na sua obra, *O Mundo como Vontade e Representação* refere: “nós somos nossas vontades [manifestas nas nossas pequenas decisões - a representação] eu não posso imaginar a minha vontade [a minha representação], sem o meu corpo” (SCHOPENHAUER, 1997, p.23). Neste contexto, talvez, possamos dizer que: temos uma escola

com pouca vontade ou sem vontade, porque temos uma escola sem corpo ou com pouco corpo! Ainda, sobre a racionalidade/inteligência, não gostaríamos de deixar de fazer esta reflexão: temos assim uma racionalidade que constrói instrumentos, pensamentos (teorias e práticas), mas também, encontramos o lado menos bom, a racionalidade. Aquela racionalidade que produz substâncias artificiais (dopping) e que conduz inevitavelmente, a não-competição, ou anti-competição que conduz ao não-homem ou anti-homem.

### **1ª grande síntese**

Até aqui, constatamos que o Desporto é uma construção Biológica, Química da Racionalidade e Cultural. No entrelaçar destas variáveis, poderemos fazer sobressair uma, que entendemos como: a excelência, a eleita - A competição. É esta palavra (contexto/conteúdo) que queremos agora, partilhar convosco – tentando para tal recuar um pouco à história do homem – Cultura Ocidental.

Ainda, antes e numa rápida consulta ao Dicionário da Língua Portuguesa (2005, p.43) competição refere-se: “a disputa entre adversários pelo mesmo lugar, premio ou vantagem, concorrência, rivalidade, luta, desafio, prova desportiva”.

A competição é sem dúvida, uma das palavras mais utilizadas na: história da vida na terra, no sentido positivo e negativo; história do homem, no sentido positivo e negativo; história do desporto, no sentido positivo e negativo.

Pela competição, formou-se o universo Mitológico e Utópico; pela Competição, “parece” (queremos ser prudentes) que as espécies evoluíram (Darwin); pela competição, assiste-se à emergência de economia, mídia e das teorias e práticas políticas; pela competição, surgiu a cultura, essa extraordinária criação do homem em confronto (em complemento), com a natureza. Essa cultura que tem um fim em si mesma: ajudar o homem a ser Homem/Pessoa – Paideia; pela competição, o Desporto consolidou-se. Diríamos mesmo, que a competição é uma das palavras mais distintivas do Desporto.

Um dos pensadores (filósofos) que de forma mais clara, expõe esta dimensão do desporto – a competição - é Friedrich Nietzsche, nas obras *Ecce Homo* (2000), *Humano, demasiado Humano* (2000) e *Além do Bem e do Mal* (1992). Numa reflexão peculiar, ele vai traduzir o sentido da humanidade e do desenvolvimento humano, através

(diríamos também), pela competição – na construção do super-homem. Assim, quando se fala em Humanidade (valores da Humanidade) parte-se do princípio que tal poderia ser o que separa e distingue o homem da natureza. Na realidade, porém, tal separação não existe. As qualidades humanas e naturais estão intrinsecamente unidas. Este é o seu nexos.

O ser humano nas suas mais elevadas e nobres energias é simultaneamente, natureza e humano. Transporta este duplo caráter. Por um lado, a justiça, a paz, a harmonia, a moderação, a moral, a ética, que acabam por ser conquistas helênicas, tendo como grande representante Sócrates (valores socráticos), nomeadamente quando este faz o elogio ao valor da vida e da existência. Estes foram mais tarde apropriados pela cultura judaico - cristã.

Mas, por outro lado, o ser humano, também, transporta consigo a destruição, o instinto, o tumulto (período pré-grego). É neste contexto, que convocamos Nietzsche (2003) quando faz elevar uma variável que considera fundamental para o desenvolvimento humano/desportivo – A competição. A grande originalidade de Nietzsche é afirmar que aquelas qualidades consideradas desumanas (período pré-grego /naturais) “talvez”, sejam o solo fértil, onde pode brotar tudo o que seja humanidade sob a forma de sentimentos, de ações e de obras.

Estamos perante um paradoxo: então herdamos uma cultura ocidental que defende os valores humanos como: a justiça, a firmeza, a moderação, a moral, a ética e agora, temos alguém que diz o contrário que faz o elogio, ao tempo antes de Sócrates, faz o elogio à Tragédia Grega. Para fundamentar a sua convicção/originalidade, chama os Gregos e depois o Helenismo, como solo explicativo da sua teoria. Vamos verificar que de uma forma subtil e racional Nietzsche (2003) nos esclarece tal paradoxo. Assim:

Os Gregos, os mais civilizados dos homens da Antiguidade, ostentam um traço de crueldade, um perigo tigrino de destruição. Por exemplo, Alexandre (Macedônia) quando manda furar os pés de Bátis (corajoso defensor de Gaza) e ata o corpo ainda com vida ao seu carro para escárnio dos soldados ou mesmo Aquiles que de modo semelhante maltrata o corpo de Heitor (Ilíada). Estávamos no início da organização Grega (pré-grego) em que a paz era uma miragem nunca alcançada e a dor o grande legado do homem.

Desvalorizando de certa forma os valores de Socráticos, Nietzsche (2003) vem fazer um elogio à luta, ao instinto, ao esforço, à inveja co-



mo força afirmativa e criadora. Para tal, mergulha no Universo Mitológico e convoca a Deusa Eris (Deusa da discórdia) porque é na “discórdia” que o homem e a condição Humana evoluem – a mola de impulso. Mas esta discórdia não poderá ser uma discórdia extremada, deve esta ser moderada e para isso, cria uma nova Eris – a que chama a Boa Eris (Luz). É a Boa Eris, que estimula a rivalidade, entre os oleiros, entre os artesãos, inspirando em cada um deles o gosto pela sua profissão. Ela move ao trabalho, até o homem desajeitado e se aquele, que nada possui repara noutro que é rico apressa-se do mesmo modo a semear a plantar e a governar bem a sua casa. O vizinho rivaliza com o vizinho, que procura alcançar a sua prosperidade. Também o oleiro tem inveja do oleiro; o carpinteiro tem inveja do carpinteiro; o pedinte do pedinte – e se quisermos agora, num contexto pós-moderno o arrumador de carros tem inveja do arrumador de carros; o professor catedrático tem inveja do professor catedrático.

Quase parece que estes atributos cabiam à Má Eris, e não à Boa Eris, mas os Gregos não pensavam como nós, diz Nietzsche. A má Eris é que conduz os homens às lutas de extremínio (Nazis...) a Boa Eris é aquela que impele os homens para a ação. Quer esse motivo se chame inveja, rancor ou ressentimento. O Grego é invejoso, e não sente esta qualidade como um defeito, antes, como efeito de uma divindade benéfica A mola para a ação!

Podemos ilustrar estes fatos com alguns exemplos: Píndaro e Símonides - mestres da música olhavam-se, com inveja; Platão ao que parece tinha inveja de Homero - queria ficar com a sua glória; o mesmo, Platão (1970, p.44) diz: “[...] que só a competição faz de mim um poeta, um sofista, um orador [...]”. Aristóteles (1998, p.25) fala também da competição dando como exemplo surpreendente “que até um morto pode excitar um vivo uma inveja ardente”.

Voltando aquilo que nos anima (Desporto), Nietzsche também toca na dimensão desportiva. Para os Gregos a finalidade da educação e do desporto era o bem estar da polis. O jovem quando competia na corrida, no lançamento de dardo ou no canto pensava no bem da sua cidade Natal. Era a glória desta que ele queria aumentar através da sua. Era aos Deuses da sua cidade que ele consagrava as coroas de louros.

Cada grego sentia em si, desde a infância, o desejo ardente da competição pois é por esse caminho que se encontra a glória, a evolução, a honra. Os Gregos – esta gente heroica de um povo – deixaram-nos uma grande herança:

A glória e a felicidade estão em competição!  
 O homem afastado da competição sucumbe!  
 A ausência da competição convoca a destruição extrema, o ódio extremo, a selvajaria!  
 A competição como forma de nos excedermos, a nós próprios, como forma de alcançar a excelência aristocrática!  
 A competição como forma de sermos mais humanos no sentido da evolução moral e espiritual!

### **O Desporto como construção da espiritualidade:**

Este talvez seja o ponto mais difícil de abordar - racionalizar. É o ponto que traz o imanente e o transcendente e no meio a ideia de passagem – horizontes existencialistas. Aquela ideia de passagem contada por Santo Agostinho – A passagem da “cidade dos homens” para a “cidade do Deus”.

O Desporto é também uma construção espiritual. Será uma espiritualidade ligada à dimensão Humanista (axiológica) pelo tornar-se como você é, pela originalidade, pela escolha e identidade. Uma espiritualidade como existência e busca do sentido da existência. Para esta análise propomos dois momentos: Um 1º momento, a que vamos designar uma superficial análise empírica; Um 2º momento, a que vamos designar uma “aprofundada” a análise empírica. Para tal, vamos convocar dois filósofos existencialistas – Soren Kierkegaard e Hannah Arendt. Assim:

#### 1º momento

Numa superficial análise empírica podemos afirmar que o Desporto chama a dimensão espiritual, naquilo, que mais preocupa o Homem. O nascimento, a vida (a vida pensada e vivida), a morte e o depois dela (ressurreição? vida eterna?).

Constatação Empírica (pegando num exemplo de um campeonato desportivo – o futebol). Assim, há necessidade de vencer (vitória), sobreviver no jogo ou no campeonato para evitar a derrota ou a descida de divisão. Quando isso acontece todos aqueles que pertencem a essa equipa, clube, experienciam (de forma real e simbólica), uma pequena morte. Contudo, o homem traz consigo outro sentimento, manifestação - a esperança - a esperança na vitória no jogo seguinte, na competição seguinte, a esperança da não descida de divisão. Estamos em



certo sentido num contexto de ressurreição.

Pelo contrário, aqueles que efetivamente vencem os jogos, campeonatos sentem o prazer de eternidade – “o céu”.

Isso explica porque é que clubes e atletas que sistematicamente são vencedores têm milhares, milhões de torcedores. Isso explica, por exemplo, porque é que um indivíduo que vive em Chaves ou nos Açores sem nunca ter conhecido Lisboa, nem o Estádio da Luz seja torcedor do Benfica. Porque esse clube os fez experienciar a eternidade mitigando as dores e angústias do dia a dia terreno. Isso explica porque um torcedor do Paços de Ferreira, seja também torcedor do Futebol Clube do Porto porque assim tem mais possibilidades de experienciar a eternidade e a felicidade.

Há ainda aqueles clubes, atletas, adeptos que ganham e perdem em alternância (vivem entre vitórias e derrotas), não sobem nem descem de divisão. Esses, talvez vivam no limbo com a esperança (utilizando uma linguagem cristã), de um dia ver o “Céu”, e com a esperança de nunca tocarem o “inferno”.

## 2º Momento

Vamos agora tentar “escavar a coisa espiritual” chamando dois Filósofos existencialistas - Soren Kierkegaard (1996, 2001) e Hannah Arendt (1979, 1982, 2000). Para Kierkegaard a existência, (a nossa existência), é um absurdo - noção de absurdo. Vivemos tão pouco tempo, vamos um dia morrer. Isto é um absurdo! Esta existência do absurdo transmite uma aparente liberdade - noção de liberdade. No entanto, ela é aparente, pois está ensombrada pela angústia - noção de angústia.

Temos assim uma trilogia que caracteriza a nossa existência, o absurdo, a liberdade aparente e a angústia. Este fato faz com que as nossas decisões nunca sejam objetivas. Elas serão sempre subjetivas, e a subjetividade acaba por ser o nada. O homem é o ser pelo qual o nada vem ao Mundo, com o nada ou o por causa do nada, o ser humano é angústia, aparente liberdade, e absurdo. Ele (homem) é um nada, pois não consegue controlar a sua vida e o seu destino – a ideia de subjetividade. O nada está por todo o lado e a forma de contornar o nada foi (é) criar manifestações/vidas de aparência, de vaidade, de sensualidade, de poder... que, como são aparência/ilusão - não são reais e verdadeiras - conduzem ao afastamento do espírito.

A única forma de fugir ao nada e conseguir a eternidade, e o não esquecimento, é entrar no mundo da espiritualidade. Morrer carregando o nada é passaporte para o esquecimento; morrer carregando a espiritualidade e humanismo – o coração/amor cheio, o axiológico, é o passaporte para a eternidade.

A espiritualidade só é possível com aquilo de Kierkegaard designa de salto de fé. É nos saltos de fé (procura interior), que experienciamos momentos de felicidade - verdadeira felicidade, e acreditamos que a vida tem sentido pela passagem e pela purificação para o novo. A morte como fronteira para o novo – o início absoluto que só pode vir do coração.

Nos saltos da fé, a angústia, o absurdo, a liberdade aparente são mitigados. Só a fé dá sentido à existência e não a razão! Só a fé nos afasta do medo, da melancolia, da ironia, do desespero, do tédio – características do absurdo e da angústia. É preciso dar mais valor à vida, dar mais valor à vida pela Fé!

Hannah Arendt é uma Judia Alemã cuja família morreu nos campos de concentração Nazis. É uma pensadora que escreve sobre as narrativas do poder (banalidade do mal), sendo a “Origem do Totalitarismo” e a “Condição Humana”, obras de referência. Também escreve sobre Educação.

Para Arendt, a existência (a nossa existência) é apreendida pela humanizadora capacidade de pensar (diferente de Kierkegaard) e de ser livre (a ideia de liberdade). O ato de pensar contribui para a consciência do ser no mundo. É o trampolim para o ato livre e para o absolutamente novo: “a energia do homem que age – pensamento e ação – na afirmação do homem como singular, como início absoluto, na paixão de pensar, na valorização da existência na liberdade [...]” (ARENDR, 1979, p.75).

A liberdade possibilita a fundação a partir do nada, de uma nova ordem política, que por sua vez, assegura diferentes modos de preservação da palavra, da ação do singular e plural. Associado ao conceito de pensamento e de liberdade constrói um novo conceito, o conceito de solidão, que é diferente de isolamento. É na solidão, que podemos encontrar outro campo para o ser.

A solidão como diálogo consigo mesmo, pelo qual se constitui o pensamento e a ação; A capacidade de pensar, e de liberdade precisa de capacidade de solidão - para que o homem seja o todo e não o nada (Arendt, parece conhecer bem a obra de Kierkegaard). É na capa

cidade de pensar (solidão) que encontramos o caminho da espiritualidade associado ao pensamento e ao diálogo que o sujeito estabelece consigo mesmo, e com os outros, no contexto da liberdade.

A ideia de solidão que é diferente de estar sozinho – como já tivemos oportunidade de referir. O Desporto transporta consigo a ideia de solidão.

O estar sozinho significa isolamento social, mental, afastamento físico, espiritual dos nossos semelhantes, a incompreensão, a segregação, a falta de confiança e autoestima. A solidão pelo contrário e da qual o desporto é digno representante, significa a solidão como linguagem humana interior/exterior, uma linguagem que está para lá dos gestos (corpo) e das palavras.

A espécie humana (e os animais), não nasceram para viver sozinhos, nem se realizam com todos os laços cortados – O desporto é um novelo infinito de laços!!

É na solidão, (doce solidão), que vamos encontrar a noção de espaço escondido. Toda a nossa vida, é feita de rotinas, rotinas que preencham espaços. Contudo, ainda existem espaços por preencher, eles estão lá, mas estão escondidos, não preenchidos...

São pequenos espaços de vida que devem ser explorados, integrando o Novo e a Surpresa. Espaços que acolhem pensamentos, imagens, sentimentos, movimentos que contrariam a ideia de afastamento. O poder da novidade, da diferença do inesperado – dentro de nós – provoca sempre novas e grandes mudanças.

Há espaços abertos dentro de mim!

Há espaços abertos dentro do desporto!

Façamos essa junção – façamos o preenchimento.

Os seres humanos são únicos, são essencialmente seres do mundo sendo o mundo um lugar por ele equipado e ornamentado com obras duráveis. Seres políticos que pela palavra e pela ação (pensamento livre) sentem-se particulares – O Desporto como ornamentação, como obra durável como locus de pensamento e de ação livre!

## **2ª Síntese - os dois pensadores**

Temos Kierkegaard que, preocupado com a vida e com a morte, diz, no entanto, que a vida é um absurdo, uma angustia, uma aparente felicidade que transporta e caracteriza o nada. Só com a fé - saltos de

fê, podemos experienciar a existência terrena e preparar a morte - salto para o novo - morrer com amor!

Para Arendt, preocupada com o nascimento e com a vida terrena, vê no pensamento na solidão e na liberdade a condição humana. Com o pensamento, liberdade e solidão experienciamos a imanência e transcendência durante a vida terrena, e isso é o que importa!

Tanto para Kierkegaard, como para Arendt, existe um momento de síntese. É um momento de morte, salto de fé (KIERKEGAARD, 1976); é um momento de liberdade (ARENDR, 1982), que leva a uma vida nova e que nenhuma ciência pode explicar.

### **Algumas Conclusões**

Algumas ideias que vos queremos deixar:

1. O Desporto pertence às coisas do ser, caracteriza as coisas do ser, é coisa do ser.
2. O Desporto mostra a evolução Humana, pela necessidade de competição e pela de vencer.
3. As dimensões biológicas, químicas, estruturais, funcionais, mas também sociais – dimensão política, ideológica, identitária, cidadania, participação, cultura e espírito, são coisas do Desporto.
4. O Desporto mostra a origem e a raiz das coisas – esta ideia de raiz. Não ter raiz, é não ter mundo – com o Desporto o homem tem mundo, faz parte do mundo, percebe melhor o mundo.
5. O Desporto como caminho para a vida boa.
6. O Desporto como caminho de liberdade. É a liberdade, fruto do pensamento, da solidão e da imaginação que experienciamos, o absolutamente novo. O Desporto expressão constante do absolutamente novo.
7. O Desporto como caminho de solidão (diferente de estar sozinho). A solidão que significa o diálogo consigo mesmo, no qual, se constitui o pensamento interior, o querer, a vontade...
8. O Desporto como tempo e espaço para o tudo, e não para o nada. A camaradagem, a amizade, o riso, o sorriso, os vínculos, o abraço, são coisas do amor e dos saltos de fé, são coisas da espiritualidade - são coisas do Desporto.
9. Para finalizar, uma referência ao Desporto como crianças e jovens. É uma problemática ampla e certamente não fariamos a melhor análise... Mas é novamente com Arendt (2000), que encontramos a referência mais sintética e a mais sábia (em nosso entender) sobre as crianças:

As crianças, esses estrangeiros acabados de chegar ao mundo pelo nascimento, radicalmente novas, radicalmente inaugurais, devem ser recebidos com uma exclamação: Eis o nosso mundo! – é nós, adultos e responsáveis devemos mostrar-lhes o mundo, devemos dar-lhes um mundo melhor, devemos preparar o futuro...(p.78).

O Desporto como forma de mostrar o mundo, como forma de dar um mundo melhor, como forma de preparar o futuro. Terminamos com Santo Agostinho.

Todo o tempo presente!

- Pela memória, tornamos o passado presente.
- Pela atenção, tornamos presente o presente.
- Pela esperança, tornamos o futuro presente.

Com o Desporto – Todo o tempo é presente. É memória, atenção e esperança; é tornar-se como você é; é tornar-se ainda melhor do que você é!

---

#### **SPORTS AND TO BE “THINGS”: THE NEED TO WIN**

##### **Abstract**

Sport is one of the main social phenomena, reflects the way society organizes itself (global, multicultural and complex), shows the differences and human particularities being the need to win one of the most distinct variables. This fact makes mankind find there (sports) an opportunity to concretize that winning and competing need, once these characteristics are intrinsic to the sports – tells the anthropologic, biologic and ontological sense of “being” and of being “things”. In this context, the test tries to show that the Sport, being a way that characterizes the “being” and the “being things” (need/predisposition to win, to compete) will call biological, chemical, rationality, social/cultural involvement dimensions and spirituality to that reason. Knowing this fact, confirms that the sport is an educative, formative and existential instrument, for excellence.

**Keywords:** Sports. Culture. Education.

#### **DEPORTE Y LAS "COSAS" DEL SER: LA NECESIDAD DE GANAR**

##### **Resumen**

El deporte es un fenómeno social importante, refleja la manera como está organizada la sociedad (global, multicultural y compleja), refleja las diferencias y las particularidades humanas siendo la necesidad de ganar una de las variables más distintivas. Este hecho hace que la humanidad encuentre allí (Deporte) la oportuni-

dad de lograr esta necesidad de ganar, competir ya que estas características le son intrínseca – refieren el sentido antropológico, biológico y ontológico del "ser" y de las "cosas" del ser. El ensayo, intenta demostrar que el Deporte al establecerse como un camino que caracteriza el "ser" y las "cosas de ser" (necesidad / predisposición para ganar, competir) va a convocar las dimensiones biológicas, químicas, de la racionalidad, la participación social / cultural y de la espiritualidad para esa caracterización. La conciencia de este hecho puede confirmar el deporte como una herramienta para la educación, la formación y existencial por excelencia.

**Palabras clave:** Deportes. Cultura. Educación.

---

## Referências

ARENDRT, H. **As Origens do Totalitarismo, o Paroxismo do Poder.** São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

ARENDRT, H. **A Condição Humana.** São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

ARENDRT, H. A Crise na Educação. In: ARENDRT, H.; WEIL, E.; RUSSELL, B.; ORTEGA Y GASSET, J. **Quatro textos Excêntricos.** Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

ARISTÓTELES. **Política.** Nota prévia de João Bettencourt da Câmara. Prefácio e Revisão Literária de Raul M. Rosado Fernandes. Introdução e Revisão Científica de Mendo Castro Henriques. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Índices de conceitos e nomes de Manuel Silvestre. Lisboa: Veja, 1998.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2005.

GARDNER, H. **As Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

GOLEMAN, D. **Equilíbrio Mente Corpo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. **A competição em Nietzsche**. Lisboa: Vega-Passagens, 2003.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de J. Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo. Ediouro, 1997.

SHAPIRO, L. **La Inteligência Emocional de los Niños: una guía para padres e maestros**. 4. ed. Bilbao: Grafo, 2002.

KIERKEGAARD, S. **Temor e Tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

KIERKEGAARD, S. **Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

---

Recebido em: 15/11/2012

Revisado em: 18/02/2013

Aprovado em: 15/04/2013

**Endereço para correspondência**

camilo@ie.uminho.pt

António Camilo Cunha

Universidade do Minho, Instituto de Educação.

Campus de Gualtar

4710-057 - Braga, - Portugal